A inclusão de alunos com deficiência nas aulas de música de uma escola de ensino regular na cidade de Pelotas - RS

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

SUBÁREA: EDUCAÇÃO MUSICAL

Andréia Cristina de Souza Lang
Universidade Federal de Pelotas – andreiaslang@gmail.com

Regiana Blank Wille
Universidade Federal de Pelotas – regianawille@gmail.com

Resumo: Estre trabalho traz os resultados de uma pesquisa que buscou investigar como se dá (ou não) a inclusão de alunos com deficiência nas aulas de música dentro de uma escola de Pelotas, no Rio Grande do Sul. Para essa investigação, foi realizado um estudo de caso em uma escola municipal da cidade, dentro de uma turma de primeiro ano do ensino fundamental com a participação de um aluno diagnosticado com o Transtorno do Espectro Autista, sendo que as observações foram realizadas nos meses de junho e julho de 2018. Os referenciais de análise foram subsidiados por autores como Louro (2012, 2015, 21017), Schambeck (2016) e Suzano (2016). Os resultados mostraram que a inclusão é um processo que necessita estudo, esforço e capacitação da parte dos professores e de todos os profissionais envolvidos dentro da escola, viabilizando uma inserção efetiva. Muitas vezes criamos barreiras em nós mesmos acreditando que o aluno não é capaz de realizar uma tarefa, não acreditando nele.

Palavras-chave: Educação Musical. Inclusão. Deficiências.

The inclusion of students with disabilities in music classes at a regular school in the city of Pelotas – RS.

Abstract: This work brings the results of a research that sought to investigate how do (or don't) the inclusion of students with disabilities in music classes within a school of Pelotas, at Rio Grande do Sul. For this investigation, a case study was carried out in a city school in the city, within a first year class of elementary school with the participation of a student diagnosed with Autism Spectrum Disorder, and the observations were made in the months of June and July 2018. The analysis references were subsidized by authors such as Louro (2012, 2015, 21017), Schambeck (2016) and Suzano (2016). The results showed that inclusion is a process that requires study, effort and training on the part of the teachers and all the professionals involved in the school, making possible an effective insertion. Often we create barriers in ourselves believing that the student is not able to perform a task, not believing in it.

Keywords: Musical education. Inclusion. Deficiencies.

1. Introdução

Atualmente, pensar em educação musical no contexto da sala de aula do ensino regular, também é pensar em inclusão. A partir do ano de 1981, declarado o "Ano Internacional das Pessoas Deficientes", pela Organização das Nações Unidas – ONU, foram iniciadas diversas discussões a respeito da inclusão das pessoas com deficiência nos diversos meios da sociedade, criando um novo conceito em relação a inclusão, denominado "Paradigma de Suporte" (MEC, 2005). De acordo com LOURO (2012, p. 27),

> O conceito baseia-se no pressuposto de que a pessoa com deficiência tem direito à convivência não segregada e ao acesso imediato e contínuo aos direitos disponíveis aos demais cidadãos. No entanto, para que isso aconteça, é necessário que haja um suporte (social, econômico, físico ou instrumental), um meio que garanta o acesso a todo e qualquer recurso da comunidade (LOURO, 2012, p. 27).

Isso inclui, claro, o direito de ir à escola e fazer parte dela. Para Schambeck (2016), a partir dessas políticas de atendimento a pessoas com deficiência no contexto educacional brasileira, não se pode ignorar a realidade da inclusão desses alunos no contexto da escola básica, e que,

> [...] para um avanço das propostas pedagógicas, as políticas oficiais que defendem a integração dos alunos com deficiências na escola básica, embasadas pelos discursos de igualdade de condições e oportunidades, identidade com os demais alunos e pleno desenvolvimento cognitivo, social e cultural, devem focar, também, as questões de formação dos profissionais envolvidos (SCHAMBECK, 2016, p. 24).

O que quer dizer que, não basta o desejo de incluir alunos com deficiência em sala de aula, se os professores que os receberão não terão o preparo necessário para atendê-los e devidamente incluí-los em suas classes. LOURO (2015) diz que no processo de inclusão, os principais fatores a serem estudados são as pessoas e o modo como elas aprendem, seu desenvolvimento motor e emocional e, também, seus problemas de aprendizagem, tudo isso sem esquecer é claro de estudar música, metodologias, abordagens diferenciadas, estratégias pedagógicas e psicologia cognitiva.

Os locais que possuem atendimentos propriamente inclusivos são poucos, por esse ser um trabalho que necessita tempo e estudo. Na Universidade Federal de Pelotas, existe um projeto de musicalização infantil e de bebês, no qual participei por um bom tempo. Ambos trabalham com alunos autistas, com Síndrome de Down, paralisia cerebral e típicos. Os monitores desse projeto possuem suporte a partir de reuniões, e de um projeto auxiliar, o Grupo de Estudos em Educação Musical e Inclusão. Também tive diversas experiências dentro de sala de aula, com alunos com deficiência e alunos típicos no mesmo ambiente.

Essas experiências unidas as legislações e ao crescente número de alunos com deficiência que tem entrado nas escolas, deram origem a essa pesquisa, que objetivou investigar como se dá a inclusão de alunos com deficiência nas aulas de música do sistema regular de ensino de uma escola pública de Pelotas – RS. Tendo em vista a importância desse trabalho de inclusão, o trabalho ainda buscou identificar as atividades pedagógico-musicais realizadas na aula de música que visam a aprendizagem musical do aluno com deficiência e definir as maiores dificuldades encontradas para incluir alunos com deficiência em aulas de música nas salas de aula do ensino regular.

2. Revisão de Literatura

Com a finalidade de conhecer mais trabalhos sobre esta temática, inicialmente fez-se uma revisão nos seguintes bancos de dados: anais da ABEM Nacional e da ISME a partir de trabalhos realizados nos últimos 3 anos. Utilizou-se os descritores: "Educação Musical Especial", "Educação Especial", "Deficiência", "Inclusão", "Necessidades Especiais", "Surdos", "Cegos", "Autismo", e seus derivados. Foi possível perceber uma gama de trabalhos voltados especificamente para cada uma das deficiências e de como trabalhar com alunos individualmente, mas poucos dados sobre a inclusão de alunos com deficiência nas escolas regulares como veremos no gráfico a seguir:

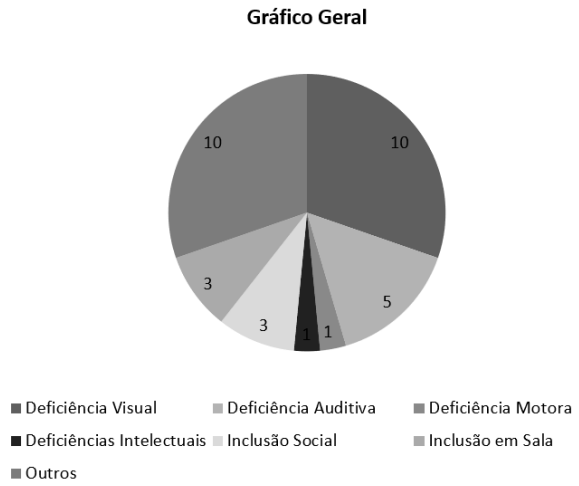

Figura 1: Gráfico geral dos trabalhos encontrados a partir da revisão de literatura, mostrando o número de trabalhos encontrados a respeito de cada tema, de um total de 33 trabalhos encontrados na pesquisa.

Ao todo, foram encontrados 33 trabalhos, sendo que nos Anais da ABEM Nacional do ano de 2015, foram encontrados 10 trabalhos, sendo uma gama muito grande de trabalhos voltados especificamente para a deficiência visual e musicografia braile, sendo apenas um trabalho voltado para a inclusão em sala de aula de alunos com deficiência. Enquanto isso, na ABEM Nacional de 2017, de doze trabalhos encontrados, sete falavam sobre assuntos relacionados a capacitação de professores, adaptações em escolas de música, valores humanos, etc., e apenas um trabalho trouxe um relato de experiência de alunos em estágio com alunos com deficiências numa sala de aula do ensino regular. Já na Conferência Regional Latino Americana da ISME – 2017 foram encontrados um total de 11 trabalhos voltados em sua maioria para a deficiência visual, formação de professores e projetos sociais, sendo que não foi encontrado nenhum trabalho a respeito da inclusão de alunos com deficiência no ensino regular.

3. Metodologia

A metodologia utilizada nesse trabalho foi um estudo de caso, realizado em uma escola pública de ensino regular da cidade de Pelotas – RS, em uma turma que possuía alunos com deficiência. Segundo Gil (2002, p. 54), o estudo de caso "consiste no estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento, tarefa praticamente impossível mediante outros delineamentos já considerados". Yin (2001, p. 21) ainda complementa que o estudo de caso "contribui, de forma inigualável, para a compreensão que temos dos fenômenos individuais, organizacionais, sociais e políticos".

Foi realizada também como suporte a observação uma entrevista com o professor de música da turma para colher outras informações sobre a turma e sobre a inclusão de alunos com deficiência dentro dela. No total foram três observações e uma entrevista com o professor, que ocorreram no período de junho e agosto de 2018. Em seguida foi feita a classificação e categorização dos dados coletados, e, enfim, a escrita dos resultados obtidos

4. Análise dos dados

A análise dos dados foi feita a partir da categorização dos dados coletados, e subdivididos em seis categorias, sendo elas:

1. Reconhecendo e conhecendo a escola, a turma e o professor, a deficiência!
2. A experiencia do professor ante alunos de inclusão
3. Planejamento das atividades: até que ponto o aluno é verdadeiramente incluído nas aulas?
4. Monitor: suporte ou companhia?
5. Características do autismo e as atitudes do aluno
6. Afinal, a inclusão ocorre ou não?

A partir dessa subdivisão, foi realizada uma análise detalhada a respeito do tema, dentro de cada uma das categorias, de modo a buscar encontrar a resposta para o tema desta pesquisa, que era investigar como se dá a inclusão de alunos com deficiência nas aulas de música do sistema regular de ensino de uma escola pública de Pelotas – RS.

Dentro da primeira categoria, buscou-se mostrar os dados detalhados da escola e conhecer através da fala do professor e dos dados da escola, o aluno que vinha sendo incluído em suas aulas. Segundo Louro (2013, p. 7), há uma importância muito grande em se ter "informações clínicas sobre a deficiência; saber sobre seu processo de aprendizagem e

compreender em que contexto familiar ele vive", da mesma forma que pesquisamos sobre o processo cognitivo de crianças para uma aula de musicalização, pois

> Cada deficiência é um universo de desafios e possibilidades que requer estratégias, recursos, apoios e maneiras de comunicação diferenciadas... Por isso, sem o prévio conhecimento das limitações de determinada deficiência, fica complicada a escolha da melhor linha de ação diante dela (LOURO, 2013, p. 7).

A segunda categoria foi específica a respeito da experiência do professor com alunos de inclusão, e uma conversa com ele a respeito. Na terceira, o foco foi no planejamento do professor, e se ele preparava as aulas pensando no aluno com deficiência ou não.

Para Louro (2012), é importante que se pense em cada detalhe do plano de aula, e a partir disso iniciar o planejamento dos conteúdos, objetivos, metodologia e da organização da aula. A partir disso, pensar-se no que pode ser feito: trabalho com pulsação, duração (curto/longo), timbre, etc. O objetivo de cada atividade deverá ser pensado a partir do potencial de aprendizagem de cada aluno. Segundo a autora, "é pouco recomendável ater-se rigidamente ao conteúdo musical, pois quando se fala em deficiência, não se pode dissocia-la dos déficits específicos de cada indivíduo" (ibid).

Ainda nessa categoria foi conversado a respeito das atitudes do professor em relação ao aluno em sala de aula, de modo a incluí-lo em suas atividades. Durante as aulas, o aluno passava boa parte do tempo brincando e chamando a atenção do professor para si. Em algumas situações pedia para desenhar no quadro, para cantar, para dançar ou apenas para falar algo. Nesses momentos o professor tentava contornar a situação, chamando a atenção dele para a atividade proposta, fazendo acordos com ele como "se você tocar com os colegas vai poder desenhar no quadro", e, na maioria das vezes, chamando o aluno para ser seu ajudante, que era a atitude que mais funcionava. Em todas essas situações, o professor sempre buscava incluir o aluno em suas atividades.

A questão da abordagem metodológica é bastante variável, e Louro (2012, p. 61) diz que o ponto não é somente qual o método utilizado, mas sim "que exista um método para orientar o percurso do aprendizado, seja esse método consagrado, adaptado ou de autoria do próprio professor". A partir daí conduzir cada aluno diferentemente respeitando a sua necessidade naquele momento. A autora ainda frisa que "mesmo adotando-se uma metodologia como ponto de partida, precisaremos proceder adaptações, sempre que uma determinada situação requeira", isso é, mesmo com o plano estipulado sempre poderá ocorrer o caso de se necessitar que o mesmo se adapte as situações que surgirem durante a aula, o que

volta para o fato da importância de se conhecer a deficiência e o aluno para conseguir proceder caso ocorra alguma situação inusitada ou até mesmo que o aluno se desestabilize (LOURO, 2012, p. 61).

A quarta categoria foi a respeito da presença do monitor em sala de aula, e sua função, que foi percebida ser de acompanhar o aluno durante as atividades, e auxiliar o professor na inclusão dele nas aulas.

A quinta categoria frisou especificamente as características que o aluno apresentava de sua deficiência, tendo sido diagnosticado com Transtorno do Espectro Autista – TEA. Segundo Louro (2012), O TEA é caracterizado por desordens comportamentais, que incluem níveis diferentes de gravidade no que se refere à comunicação, interação social e o uso de estereotipias.

> O autismo é caracterizado por complicações nas habilidades sociais e comunicativas (atraso de linguagem), além de dificuldade cognitiva, uso constante de esteriotipias (movimentos repetitivos) ou ecolalias (falas repetitivas), um exagero no emprego da rotina no dia a dia, interesse acima do comum em assuntos ou temas específicos e em alguns casos, grandes habilidades para certas realizações (LOURO, 2012, p. 2).

Em relação ao aluno observado pude perceber algumas dessas características, principalmente a dificuldade de interação social com a turma. A impressão é que ele estava sempre brincando consigo mesmo. Esse fato se deve porque o indivíduo com TEA possui grande dificuldade em compreender as intenções do outro, a função social da brincadeira e o corpo no ambiente social. Isso gera alguns padrões repetitivos que podem ser resistência a mudanças, insistência em determinadas rotinas, apego excessivo a objetivos e movimentos ou falas repetitivas. Esses padrões não são utilizados para comunicação e podem ser potencializados pela excitação, ansiedade ou medo (LOURO, 2017, p. 25).

Outro fato é que o aluno sempre levava um brinquedo ou objeto junto com o qual ele passava boa parte do tempo brincando e manuseando, o objeto lhe dava segurança. Os objetos autísticos não só são sentidos como fazendo parte do corpo, mas também são utilizados de uma maneira que não corresponde às suas funções. Eles promovem segurança e proteção. A relação do autista aos seus objetos é duplamente determinada por sua relação ao seu próprio corpo.

Em uma das aulas pediu para dançar, em uma das aulas derrubou todos os brinquedos no chão, em uma das aulas ele bateu em vários colegas, e a atividade que mais o interessou foi quando o professor pediu para os alunos contarem os instrumentos e ele contou até quinze. Pessoas autistas têm alteradas as funções dos neurônios-espelho capazes de

propiciar o entendimento de ações, a imitação e a empatia (capacidade de sentir o mesmo que os outros sentem na mesma situação). Significa que em muitos momentos ao autista não é capaz de realizar determinadas tarefas simplesmente porque não compreende, não é por birra ou falta de educação (SUZANO, 2016, p. 96).

A última categoria buscou perceber se a inclusão realmente estava ocorrendo na sala de aula. Segundo Schambeck (2017, p. 3), "a inclusão implica que as escolas se organizem para responder à população que atendem, promovendo uma educação que não exclui os alunos pelas suas limitações, mas que os inclui a partir de suas potencialidades". Muitas vezes o aluno por não estar interessado no conteúdo que estava sendo passado acabava "atrapalhando" a aula sendo colocado para realizar uma atividade alternativa – como desenhar no quadro – ou então apenas ficava em sua classe brincando com seus carrinhos ou o objeto que estivesse por perto.

Por vezes dentro de sala de aula pensamos que estamos incluindo o aluno ao chamá-lo para participar das atividades com a turma. Mas na maioria das vezes não percebemos o seu processo de aprendizagem deixando-o meio "de lado" durante as atividades – principalmente as que ele não consegue realizar ou realiza com dificuldades. Isso não é inclusão, isso é integração, é permitir que o aluno participe da aula com o resto da turma desde que ele se adapte ao conteúdo. Inclusão é quando o conteúdo, os objetivos, e a metodologia se adaptam ao aluno e assim permite-se que o aluno goze de pleno aproveitamento e desenvolvimento das atividades propostas em conjunto com a turma. O que precisamos fazer como educadores musicais é buscar esses métodos e adaptações de forma a estarmos aptos a de fato incluirmos nossos alunos com deficiência em sala de aula. Sabemos que o caminho a percorrer ainda é longo, mas em comparação com os anos passados já estamos em grande avanço. Investir em cursos, buscar formações complementares e informações a respeito dos alunos que temos em nossa sala de aula é só o primeiro passo para o início de uma verdadeira educação inclusiva.

5. Considerações Finais

Esta pesquisa teve como objetivo geral investigar como se dá a inclusão de alunos com deficiência nas aulas de música do sistema regular de ensino de uma escola pública de Pelotas – RS. Incluir o outro, trabalhar com o outro, independente de suas particularidades, necessidades e, neste caso, deficiências.

A criança com deficiência pode não aprender na mesma velocidade que as outras, mas o professore com conhecimento técnico e pedagógico deve viabilizar o desenvolvimento intelectual e tornar a aprendizagem significativa para essa criança. Será um grande desafio

porque nem sempre o caminho seguido pelos outros colegas poderá ser o mesmo, muitas vezes se faz necessária a construção de caminhos alternativos.

A inclusão é um processo que necessita estudo, esforço e capacitação da parte dos professores e de todos os profissionais envolvidos dentro da escola, de modo a criação de métodos e materiais que possam alcançar esses alunos viabilizando sua inserção efetiva em sala de aula. Muitas vezes criamos barreiras em nós mesmos acreditando que o aluno não é capaz de realizar uma tarefa, não acreditando nele. Mas, se nós mesmos não acreditamos no potencial do aluno, como ele mesmo irá acreditar? Como desejaremos passar nosso conhecimento sobre a música e o poder libertador da arte quando estamos fechados num universo de barreiras criadas muitas vezes por nós mesmos?

Quem sabe devemos começar mudando nosso próprio pensamento, e assim conseguiremos efetivar a inclusão de alunos com deficiências em nosso sistema regular de ensino. Ao potencializarmos as qualidades dos alunos e buscarmos conhecer suas facilidades de aprendizado e necessidades de auxílio, entenderemos o que realmente significa a inclusão.

Referências:

GIL, Antônio Carlos. Como Elaborar Projetos de Pesquisa. 4ª Edição. São Paulo: Atlas, 2002.

LOURO, Viviane. Fundamentos da Aprendizagem Musical da Pessoa com Deficiência.1ª Edição. São Paulo: Editora Som, 2012. 296 p.

_____. EDUCAÇÃO MUSICAL E DEFICIÊNCIA: Quebrando os preconceitos. Disponível em: <https://musicaeinclusao.files.wordpress.com/2013/06/educacao_musical_e_deficiencia_quebrando_os_preconceitos.pdf>. Acesso em: 03 de agosto de 2017.

_____. Educação Musical Inclusiva: Desafios e Reflexões. IN: SILVA, Helena Lopes da; ZILLE, José Antônio Baeta; Música e Educação: Série Diálogos com o Som. V.2. Barbacena: EdUEMG, 2015. p. 33-49.

_____. A Educação Musical unida à Psicomotricidade como ferramenta para o neurodesenvolvimento de pessoas com Transtorno do Espectro Autista. 160 f. Tese (Doutorado em Neurociências) – Escola Paulista de Medicina. Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2017.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Secretaria de Educação Especial. Educação Inclusiva: direito à diversidade – Documento Orientador. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/orientador1.pdf>. Acesso em 16 de julho de 2018

SCHAMBECK, Regina Fink. Inclusão de alunos com deficiência na sala de aula: tendências de pesquisa e impactos na formação do professor de música. REVISTA DA ABEM, Londrina, v.24, n.36, p23-35. Jan.Jun. 2016.

_____; Formação no contexto inclusivo: relatos de processos de pesquisa na iniciação à docência em música; CONGRESSO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 23., 2017, Manaus. Anais... Manaus: UFAM, 2017.

SUZANO, Cátia. Diálogos entre Educação Musical e Musicoterapia. IN: LOURO, Viviane (org). Música e Inclusão Múltiplos Olhares. São Paulo: editora Som, 2016. p. 81-98.